



## “El exilio, entre la nostalgia y la creación”\*: Revistas político-culturais latino-americanas e exílio (1978-1985).

Cristiano Pinheiro de Paula Couto\*

“Dicen que me han de quitar la vida y el pensamiento  
Yo se escribir en el agua y también firmar en el viento.”

Antigo poema Maia. Citado por Arturo Ardao  
(*Cuadernos de Marcha*, segunda época, México, nº 32/33, Abril/Maio de 1985)

**Resumo:** Na década de 1970, muitos intelectuais latino-americanos foram banidos para o exílio. Por meio da análise de três revistas político-culturais, quais sejam *Encontros com a Civilização Brasileira* (1978-82), *Cuadernos de Marcha* em sua segunda época (1979-85) e *Controversia* (1979-83), desenvolvo o argumento de que o exílio de parte da *intelligentsia* latino-americana, no contexto da Guerra Fria, ao invés de estagnar a reflexão e sufocar as resistências democráticas, conduziu as ponderações políticas do campo intelectual contestatário da América Latina para um âmbito de revisão crítica e de reorganização do pensamento e da *praxis* política. O clima de ansiedade, desorientação e agitação favoreceu o acúmulo de massa crítica. Parto da premissa de que as revistas político-culturais tiveram importância inapelável nesse contexto e cumpriram uma função essencial, enquanto estruturas de sociabilidade, na recomposição das redes intelectuais do subcontinente. Interessado em observar o impacto que o exílio mexicano provocou nas nervuras ideológicas e nas estratégias de intervenção política da *intelligentsia* contestatária latino-americana, busco analisar, em textos publicados nas três revistas mencionadas, o modo como o periodismo político-cultural atuou como lugar de resistência e de intervenção no contexto de banimento e de clandestinidade gerado pelos sistemas de repressão que se alastraram pelo subcontinente durante a Guerra Fria.

**Palavras-chave:** Exílio; Revistas Político-Culturais Latino-Americanas; Intelectuais.

---

\* GALEANO, Eduardo. “El exilio, entre la nostalgia y la creación”. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año 1, nº 1, Mayo/Junio de 1979, pp. 83-86. Ainda que o título do artigo de Galeano, publicado no primeiro número da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, sintetize com precisão o argumento central que tento desenvolver neste estudo, motivo pelo qual o cito, devo esclarecer que o primeiro texto que me incitou a refletir sobre as ambigüidades da experiência do exílio e sobre suas relações com o periodismo político-cultural latino-americano no contexto da Guerra Fria foi o estudo de Denise Rollemberg (1999).

\* Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS - Área de Concentração: História Intelectual da América Latina no séc. XX e Periodismo Político-Cultural.



**Abstract:** During the Seventies, many Latin American intellectuals were banished into exile. Through the analysis of three political and cultural magazines, *Encontros com a Civilização Brasileira* (1978-82), *Cuadernos de Marcha* in its second epoch (1979-85) and *Controversia* (1979-83), I develop the argument that the exile of a segment of the Latin American *intelligentsia*, within the context of the Cold War, instead of stagnate the thought and in place of choke the democratic resistance off, directed the political ponderings of the contestatory intellectual field on a course of critical revision and reorganization of the political thought and *praxis*. The distinctive atmosphere of anxiety, bewilderment and agitation has favored the accumulation of critical mass. I assume that the political and cultural magazines had an indisputable significance within this context. Moreover, it played an important role, as structures of sociability, in the restoration of Latin American intellectual networks. Interested in seeing the impact engendered by the exile in Mexico on the ideological strata and over the political intervention strategies of the contestatory Latin American *intelligentsia*, I try to analyze, in texts published on these three magazines, how the political and cultural magazines served as a site for resistance and intervention within the context of banishment and clandestineness produced by the repression systems spread on the subcontinent during the Cold War.

**Keywords:** Exile; Political and Cultural Latin American Magazines; Intellectuals.

Interessado na variedade de temas, na conjugação de métodos e nos referenciais teóricos da história intelectual e preocupado em abordar comparativamente o periodismo político-cultural na ótica da história contemporânea da América Latina, utilizei, por uma parte, como critério de seleção das três revistas que constituem o objeto principal deste estudo, *Encontros com a Civilização Brasileira* (1978-82), *Cuadernos de Marcha* em sua segunda época (1979-85) e *Controversia* (1979-83), o nexos ideológico que as uniu, o período em que foram publicadas e a diferença de nacionalidade de seus núcleos dirigentes. Por outra, com a exceção de *Controversia*, procurei escolher revistas que tivessem relação com grupos que já estudei em outros momentos, como o da *Civilização Brasileira* (PAULA COUTO, 2004) e o de *Marcha* (PAULA COUTO, 2008). Por fim, considerando que “o estudo da experiência do exílio pode contribuir para formar uma agenda de pesquisa que enfatize a estrutura transnacional da vida política latino-americana” (GRENN & RONIGER, 2007, p. 108, tradução minha), selecionei publicações que foram editadas por setores intelectuais da América Latina direta ou indiretamente afetados pela perseguição política e pelas rupturas e



vínculos que nasceram dessa experiência. Devo observar que a ênfase que procuro dar não recai sobre o exílio como um valor em si. A tônica volta-se, antes, para as escrituras ou narrativas que essas três revistas publicaram sobre o exílio e também para o modo como o periodismo político-cultural atuou como espaço de resistência e de intervenção no contexto de banimento e clandestinidade gerado pelos sistemas de repressão que se alastraram pelo subcontinente durante a Guerra Fria.

Entre as “estruturas de sociabilidade” (SIRINELLI, 1996) que maior contribuição deram à superação do sentimento de desenraizamento provocado pela experiência do exílio, servindo como plataforma de resistência, preservação e constituição de identidades, particularmente de grupo, e como esteio de formação de *redes* (VALDÉS, 1999) de solidariedade, propagação e circulação de idéias, destacaram-se as revistas político-culturais. Essa contribuição do periodismo latino-americano, independente da apreciação que lhe possa ser dada, é notória nestas considerações de Angel Rama sobre o novo surgimento, no México, dos *Cuadernos de Marcha*:

La reaparición de los *Cuadernos de Marcha* podría interpretarse [...] como un esfuerzo de conjunción y de reclamado fortalecimiento del equipo intelectual disperso, tal como antes lo fue el establecimiento de nuestra comedia nacional y popular, "El Galpón", en tierras mexicanas y la tarea de los músicos (la Camerata, Viglietti, Zitarrosa, etc.) (1979, p.79).

Sectário ou independente, progressista ou conservador, proselitista ou não, um periódico “além de ser um propagandista coletivo e um agitador coletivo, é também um organizador coletivo” (LÊNIN, 1978, p.95). Poder-se-ia considerar as revistas de cultura da América Latina, no rastro do raciocínio de Lênin, um torrão, um lugar de pertencimento da comunidade intelectual latino-americana exilada. Como observou Denise Rollemberg, as funções do periodismo latino-americano no contexto político-cultural das ditaduras e dos exílios ultrapassaram aquelas que costumeiramente lhe são atribuídas:

Os jornais e as revistas revelam muito da experiência da esquerda no exílio: as tensões, as posições políticas e éticas, as influências, as atividades, as evoluções. Antigos temas foram revistos, a partir de outras abordagens. Temáticas secundarizadas ou excluídas entraram na ordem do dia. Criando um espaço para a discussão e para a circulação de idéias, a imprensa atuou na redefinição e na reconstrução da esquerda no exílio. Teve, portanto, um papel importante na atualização dos valores e na ampliação de horizontes (1999, p.206).



Ao encontro das considerações de Rollemberg, o escritor mexicano Carlos Monsiváis ponderou que as revistas de cultura latino-americanas desempenharam historicamente a função de “instrumento de defesa social, de ponto de apoio para resistências” (apud FELL, 1992, p.8, tradução minha). Do conjunto das três revistas que analiso neste estudo, duas delas foram publicadas, como referido anteriormente, por intelectuais platinos no México, durante o período em que lá estiveram exilados, entre os anos de 1979 e 1984: a segunda época dos *Cuadernos de Marcha* e *Controversia*, sendo que o fim dos *Cuadernos* não coincide apenas com o esgotamento do ciclo ditatorial na América Latina e com a conseqüente repatriação do grupo de intelectuais que os conduziram, mas também com a morte de seu fundador e diretor, Carlos Quijano, no dia 10 de Junho de 1984. Os eventos e reveses que provocaram o fechamento de *Controversia* tiveram a ver com o embate de posições políticas dentro do grupo que a formava. Esse tipo de confronto de perspectivas permite afirmações categóricas sobre as divisões da comunidade exilada argentina:

De todas as comunidades de exilados latino-americanos no México, a dos argentinos foi, sem sombra de dúvida, aquela que mais se dividiu politicamente. Essa divisão refletiu as diferentes posições que variados grupos defendiam em relação à luta política na Argentina, sendo que algumas das quais foram irreconciliáveis (YANKELEVICH, 2007, p.71, tradução minha).

O núcleo socialista e gramsciano de *Controversia*, entretanto, reuniu-se novamente em Buenos Aires, fundando, em 1984, com integrantes da revista *Punto de Vista* (1978-2003), como Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano, o *Club de Cultura Socialista* (1984-2008).<sup>1</sup> Como quer que seja, importa frisar que o México, país que construiu, no período posterior à revolução de 1910 e à queda do Porfiriato, uma política internacional tradicionalmente receptiva aos exilados, foi o destino prioritário dos intelectuais de *Controversia* e dos *Cuadernos de Marcha*, que lá se juntaram a milhares de exilados:

Durante a década de 1970, o México tornou-se destino principal de milhares de refugiados do terrorismo de Estado latino-americano promovido pelo poder militar. Os grupos sul-americanos consideraram o México uma nação cujas políticas internacionais criaram historicamente um seguro abrigo para os perseguidos políticos. Dos milhares de exilados que chegaram ao México,

---

<sup>1</sup> “Beatriz Sarlo citou *Pasado y Presente* como exemplo de revista político-cultural que teve percurso caótico. Publicada em Córdoba, apareceu sucessivamente, no México, como *Cuadernos de Pasado y Presente*, depois como *Controversia*, antes de receber o nome, ao retornar à Argentina, de *La Ciudad Futura*” (FELL, op. cit., p. 08, tradução minha).



os Argentinos constituíram uma das maiores comunidades (YANKELEVICH, 2007, p.68, tradução minha).

Aqueles que não foram para o México e procuraram refúgio em países sul-americanos passaram por peripécias, que não raramente chegaram às raias do anedótico, errando de um país para outro à medida que o surto ditatorial e a vaga do autoritarismo avançavam no subcontinente. O percurso do poeta e crítico Ferreira Gullar<sup>2</sup>, que pertenceu ao Conselho Consultivo de *Encontros*, exprime as vicissitudes por que passaram muitos intelectuais da América Latina, encaçados pelo terrorismo de Estado. Denunciado por um correligionário do Partido Comunista Brasileiro submetido à tortura, Gullar, na clandestinidade, deixou o Brasil, em 1971, e foi para Moscou. Retornou, porém, para a América Latina, exilando-se primeiro no Chile de Salvador Allende, em 1973, depois no Peru e em seguida na Argentina. Por fim, em Março de 1977, voltou para o Brasil, sendo interceptado no aeroporto pelo DOI-CODI, logo ao chegar, tendo sido libertado depois de setenta e duas horas de interrogatório. O êxito do seu aclamado *Poema Sujo*, gravado e posto em circulação no Brasil por Vinicius de Moraes, tornou-o figura pública “intocável”. Sua trajetória conturbada, ao regressar para a América Latina, passando por três países, não foi obviamente voluntária. Enquanto o autor do *Poema Sujo* deixava, acossado, um país em que ocorria um golpe militar, procurando exílio além das fronteiras, pouco tempo depois de se instalar era forçado a abandonar o novo país-refúgio quando a institucionalidade era aí também rompida pela proliferação do autoritarismo (GULLAR, 2010). Sobre o exílio de Gullar na Argentina e de outros intelectuais brasileiros, como Mario Pedroza no Chile e Francisco Julião no México, Angel Rama destacou que: “no sólo se hicieron embajadores de la cultura brasileña, desconocida en la América española, sino que a su vez supieron sacar partido del contacto con las culturas hispanoamericanas desconocidas en Brasil” (apud GALEANO, 1979, p. 86).

Exilado em Barcelona, escreveu Galeano para o número inaugural da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*: “El exilio, que siempre nace de una derrota, no solamente proporciona experiencias dolorosas. Cierra unas puertas, pero abre otras. Es una penitencia y, a la vez, una libertad y una responsabilidad. Tiene una cara negra y tiene una cara roja” (Idem). A faceta negra do exílio, a “penitência” de que fala o escritor uruguaio, manifestou-se nas perdas, separações e no desenraizamento, ao passo que a faceta vermelha, aquela que, no

---

<sup>2</sup> Ressalte-se que Gullar, atualmente, se converteu em efusivo defensor de idéias conservadoras, tendo sido signatário do “Manifesto em Defesa da Democracia”, lido no Largo São Francisco, em São Paulo, no dia 22 de Setembro, durante a campanha presidencial de 2010, pelo jurista, membro fundador do Partido dos Trabalhadores e ex-vice-prefeito da cidade de São Paulo, Hélio Bicudo.



dizer de Galeano, exigiu “responsabilidade”, manifestou-se no esforço de reflexão sobre a maneira pela qual as opções políticas que se tinham escolhido haviam conduzido inelutavelmente ao exílio.

Se a dificuldade de organizar e unir as forças sociais de oposição ao terrorismo de Estado não teve na falta de liderança política seu motivo gerador, já que havia líderes, e tampouco careceu de projetos agregadores, pode-se dizer que, no contexto em que estiveram vigentes os regimes militares na América Latina durante a Guerra Fria, foram principalmente as linhas de ação que fragmentaram os grupos políticos insurgentes. Não foi à toa, portanto, que, em relação ao cenário político argentino, se pôde considerar que “o apoio ou a crítica à ação dos grupos armados dividiu a esquerda Argentina” (Gillespie, 1987; Gasparini, 1988; Seoane, 1991; Pozzi, 2001, apud YANKELEVICH, 2007, p. 71, tradução minha). Membro do corpo editorial de *Controversia*, Sergio Bufano, fez um balanço crítico e expressou da seguinte forma sua percepção sobre o significado do exílio a que foram impingidos, durante a ditadura, cerca de nove mil argentinos apenas no México, referindo-se à radicalização política, à luta armada, como principal alvo desse momento de reflexão crítica<sup>3</sup>:

El exilio fue el momento de interrogarnos cómo habíamos llegado hasta ahí y qué hacíamos entonces. Desde un primer momento, apareció la crítica a la lucha armada. El haber elegido las armas como herramienta de lucha en los '70 había ayudado a impulsar el autoritarismo y había generado una mirada muy esquemática de la realidad. En definitiva, había conducido a la derrota (2009).

Quando a “utopia se desarmou”<sup>4</sup>, todas as suas belas cariátides sentiram o peso das cornijas adornadas que sustentavam com tanta graça. As atrocidades do socialismo real, o

---

<sup>3</sup> De 1970 a 1980, o Censo General de Población do México registrou um aumento de 350% na presença de argentinos no país (Secretaría de Industria y Comercio, 1970; Secretaría de Programación y Presupuesto, 1980). Esta comunidade ocupava a primeira posição na lista de estrangeiros latino-americanos vivendo no México durante a década de 1970. Uma estimativa recente apontou que 9000 argentinos estavam exilados no México. Cf. YANKELEVICH, Pablo. “Hacia una cuantificación del exilio argentino en México, 1974-1983”. Artigo apresentado no seminário *Los extranjeros en México*, Instituto Nacional de Migración, Secretaría de Gobernación, Mexico City, 2004. Quanto ao Uruguai, estima-se que, de uma população de 2,5 milhões de habitantes, 600 mil estavam exilados, vivendo em diversos países, como Brasil, México, Espanha, etc. Cf. MONSERRAT, J. . “Entrevista com Mario Benedetti”. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº23, maio de 1980, pp.49-64.

<sup>4</sup> Alusão ao livro: CASTAÑEDA, Jorge. *La utopía desarmada*. Buenos Aires: Ariel, 1994. A despeito da derrota militar e política infligida à maioria dos focos de guerrilha que se espalharam pela América Latina após o triunfo de Havana, não se pode deixar de mencionar o sucesso da Revolução Sandinista na Nicarágua, em 1979, precisamente no mesmo momento em que a luta armada perdia sua primazia estratégica e era colocada na berlinda. Ironicamente, quando os líderes da Revolução decidiram radicalizar o seu programa político, rompendo o equilíbrio de interesses que se havia constituído entre as diferentes classes, tiveram que enfrentar a contra-revolução e a invectiva dos Estados Unidos, o que acabou resultando na derrota eleitoral em 1990. Contudo, o descontentamento com as reformas liberais que se seguiram à vitória de Violeta Chamorro e se perpetuaram até



ocaso dos “grandes relatos”, a diáspora e a derrota dos segmentos sociais radicalizados fizeram com que tombasse, na América Latina, a cultura política revolucionária.

Se, na abertura do século XX, Lênin buscava respostas práticas aos desafios do movimento socialista russo, perguntando-se *Que fazer?*<sup>5</sup>, no começo do último quartel do mesmo século, seus consignatários latino-americanos, não menos preocupados com problemas de ordem prática, mas certamente mais inquietos com questões de caráter moral e teórico, em vista dos sintomas do aparecimento do relativismo e da crise de paradigmas, que não se faziam esperar, buscaram formas de inserção na emergente cultura política democratizante, tentando examinar em profundidade os equívocos do passado e os impasses e exigências do presente, e a principal pergunta que possivelmente terão feito a si mesmos terá sido: como fazer?

Ao se evanescerem os pressupostos que haviam fundamentado a cultura política de esquerda na América Latina durante boa parte do século XX, na nuvem de poeira levantada pelo desmoronamento da utopia revolucionária, sobreveio uma penosa incerteza. Em meio ao estremeamento e à comoção, chegara o momento de ensarilhar os “fuzis” e de repensar, no “inverno de autocrítica”, conforme a expressão de Angel Rama, o lugar do pensamento crítico latino-americano no novo contexto que estava em gestação. Os destinos políticos e sociais brasileiros, como parte da dinâmica histórica da América Latina, não se afastaram das tendências que estavam redesenhando o mapa político da região. No Brasil, para os grupos de oposição ao regime militar, em que se devem incluir os exilados que retornaram após a anistia, esse foi um momento de redefinição:

[...] esse momento se apresenta como radicalmente distinto do anterior, marcado por uma tática de enfrentamento armado, que negava a aliança com setores mais amplos da oposição e da própria esquerda (acusados de reformismo e passividade), e por um isolamento profundo em relação à sociedade. A definição de uma conjuntura de resistência e de uma plataforma de luta pelas liberdades democráticas foi, de certa forma, uma

---

o final do mandato de Enrique Bolaños, fortaleceu os sandinistas, e, em 2006, Ortega venceu novamente as eleições.

<sup>5</sup> Alusão ao livro publicado por Lênin em Março de 1902, no qual polemiza com a ala “economista” da social-democracia russa e discute problemas práticos do movimento socialista na Rússia. Poderia ser mera coincidência a publicação da primeira edição desse livro no Brasil, em 1978, se não fossem as particularidades do contexto político em que ocorreu, marcado pela necessidade de balanço crítico da esquerda brasileira. Em sua apresentação, Florestan Fernandes pergunta aos leitores: “o que um livro como esse testemunha quanto à nossa própria imaturidade e impotência políticas no Brasil e na América Latina?” E adiante coloca em evidência o ofício teórico: “Os que são socialistas precisam devotar-se à tarefa de construir a teoria revolucionária exigida pela situação atual da América Latina”. Cf. LÊNIN, V.I. *Que Fazer?* Apresentação de Florestan Fernandes. São Paulo: Hucitec, 1978.



resposta das esquerdas brasileiras ao isolamento e à derrota militar e política da experiência armada (ARAUJO, 2007, p.324).

O *mea culpa* daqueles que se confrontaram com o esgotamento de estratégias de intervenção política outrora primazes, como a luta armada, e a obstinada insistência dos que se mantiveram irredutíveis em defesa da opção militar, convictos de ser essa a única alternativa eficaz de resistência e de ação política, as duas atitudes que mais se sobressaíram entre os grupos de expatriados pelos regimes autoritários, favoreceram a ruptura da comunidade de exilados. Foi levando em conta as tensões entre essas duas atitudes que Grenn e Roniger observaram que “[...] o choque entre as avaliações que os exilados fizeram de malogrados projetos que haviam capitaneado e o atrito entre as perspectivas que assumiram após a falência desses projetos representam um eixo principal para futuras pesquisas” (2007, p. 107, tradução minha).

Arremessada para o exterior de suas referências afetivas e políticas, a comunidade de intelectuais platinos exilados no México, embora invadida pelo sentimento de derrota, soube criar espaços “extraterritoriais” de sociabilidade, entre os quais se destacaram as revistas que contribuíram muito para a preservação de identidades e constituíram espaços de resistência à tentativa de silenciamento que se impunha ao fracionado campo intelectual latino-americano (ROLLEMBERG, 1999, p. 205). Pode-se afirmar que, como tivera outrora o exílio de intelectuais alemães, como Thomas Mann, a qualidade de espaço para a construção e manutenção do ofício crítico e de lugar resguardado para a formulação de denúncias<sup>6</sup>, predicado análogo teve a experiência de intelectuais latino-americanos exilados pelos sistemas de repressão na Guerra Fria:

O exílio não representou [...] o fim da trajetória política dos militantes de esquerda ou intelectuais que não se calavam frente os (sic) novos governos. Transformou-se em espaço de organização para a oposição aos regimes ditatoriais. Denunciando a ausência de liberdade de imprensa, apontando os casos de tortura e abusos das autoridades policiais e descrevendo as dificuldades da população mais pobre, os exilados desconstruíam as imagens positivas que aqueles regimes queriam expor ao mundo (CRUZ, Fábio.Lucas, 2010, p.09).

---

<sup>6</sup> Entre 1940 e 1945, dos Estados Unidos, onde estava exilado, o autor do *Doutor Fausto* escrevia textos críticos incisivos contra o regime nazista, que, subsequentemente, em transmissões radiofônicas, eram difundidos, desde Londres, em ondas longas, pela *British Broadcasting Corporation* (BBC). Cf. MANN, Thomas. *Ouvintes alemães! Discursos contra Hitler (1940-1945)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.





Por mais irônico que possa soar, quando se pensa no exílio e no seu elemento disruptivo, quando se leva em conta a motivação dos chefes militares ao desterrarem aqueles que lhes confrontavam, chega-se à conclusão de que o efeito esperado foi inverso:

Ya se ha dicho varias veces que los militares conservadores han fortalecido la compenetración de la intelectualidad del continente, que han ayudado a su mejor formación y ampliación de conocimientos, aunque esto venía ocurriendo desde hace bastantes décadas, sólo que se aplicaba a los "otros" del continente y, no a los "sureños", como se había aplicado a los españoles transterrados a Hispanoamérica y ahora a los hispanoamericanos que han buscado cobijo en una España que por razones obvias no puede sino recibirlos a pesar de sus presentes dificultades (RAMA, 1979, p.79)

Ao passo que, encerrados dentro dos limites de suas fronteiras nacionais, os grupos de oposição operavam de forma isolada, desarticulada, no momento em que foram derrotados e seus membros capturados ou dispersados, aqueles que conseguiram se evadir e se exilar lograram constituir com freqüência, e êxito, nos países onde encontraram refúgio, como o México, algo que historicamente, na América Latina, enfrenta todos os tipos de contraforça, de reação: o intercâmbio entre os países que a constituem. Assim, nos termos de Galeano: “El exilio desarrolló este intercambio en un grado improbable en situaciones ‘normales’, cuando lo ‘normal’ en América Latina es la ignorancia recíproca de sus partes” (1979, p.86). Habitualmente voltados de costas uns para os outros senão pelas subterrâneas interlocuções estabelecidas insistentemente entre algumas parcelas minoritárias de suas sociedades, os países da América Latina que foram assolados pela crise institucional e pela concomitante maré autoritária presenciaram um inaudito fortalecimento das relações entre seus artistas e intelectuais. O exílio, esta experiência “entre raízes e radares”, como a definiu Rollemberg, “entre a nostalgia e a criação”, como poetizou Galeano, teve uma dupla face:

Simultaneamente, o exílio limitou e ampliou o leque de escolhas e alianças com conterrâneos e outros, levando a redefinições da teoria e da prática política e moldando novas formas de relacionamento com projetos coletivos na luta pela democratização das sociedades de origem (GRENN & RONIGER, 2007, p. 107, tradução minha).

Se, na aurora da construção da nacionalidade uruguaia, o Êxodo dos orientais representou um marco fundacional consolidador de valores comunitários, um tipo de “mito de origem”, já no combalido país platino cujo ímpeto democrático fora responsável pela constituição de uma sociedade amplamente alfabetizada e sequiosa de cultura, a diáspora de



600 mil uruguaios que se seguiu ao golpe de 1973 expressou, por parte do intimidado governo militar, a tentativa frustrada de anulação da potência crítica engendrada pelas políticas sociais que ajudaram a construir essa sociedade. De acordo com Angel Rama, a comunidade exilada integrou-se plena e ativamente aos países onde encontrou refúgio:

[...] el pueblo de la diáspora y sus intelectuales están participando en un activo intercambio, haciendo suyos los problemas de otras comunidades, viviendo sus afanes, conociendo su historia, apropiándose de su legado histórico, sirviendo a estas culturas de adopción como lo hicieron con la suya propia y aportando dentro de ellas. Si para muchos uruguayos conocer la América indígena o la América negra ha sido una revelación que sin duda los favorecerá porque les proporciona un entendimiento más cabal de la pluralidad americana al tiempo que les hace copartícipes de ricas tradiciones intelectuales y artísticas, también ha sido grande la contribución que sus sistemas de referencias y sus percepciones culturales han hecho a las respectivas zonas en que se han instalado (RAMA, 1979, p.80)

Poder-se-ia, porém, questionar o esforço obstinado com que os colaboradores dos *Cuadernos*, em sua época mexicana, buscaram valorizar, como Galeano e Rama o fizeram nos trechos anteriormente mencionados, os aspectos positivos da experiência do exílio, e esse esforço não lhes foi exclusivo. É notório o zelo com que os grupos de exilados agiram para minimizar, quando não extinguir, os efeitos esterilizantes da expatriação. Empenhado em repletar a negatividade do exílio, o grupo de *Controversia* não apenas imprimiu nos textos que produziu a marca desse esforço, como também o tornou objetivo programático ao qual é feita alusão logo no primeiro editorial do periódico:

Han pasado más de tres años desde que se produjera el golpe militar en la Argentina. Al estupor por la salvaje represión, al anonadamiento producido por el forzado alejamiento de la patria, al desconcierto inicial respecto de la dirección y efectividad de nuestros actos, hoy, o desde no hace mucho tiempo, (aunque siempre nos resistimos a la negatividad del exilio, enfrentando con variado éxito a la "melancolía, la frustración y la nostalgia"), existe la convicción cada vez más firme de convertir este exilio "en una experiencia positiva" (Editorial, *Controversia*, nº 01, México, octubre de 1979, p.2).

Sem subestimar a magnitude dos resultados nocivos acarretados pelo exílio que os sistemas de repressão impingiram a vastos segmentos contestatários da América Latina ao longo do período em que as ditaduras militares estiveram instaladas em muitos de seus países, efeitos que ainda se fazem sentir nas sociedades latino-americanas, na vida política e cultural do subcontinente, interessa identificar, no *corpus* textual das três publicações que configuram



o objeto deste estudo, um *ethos* que se opôs às forças desestabilizadoras liberadas pelo afastamento e pela separação compulsória do espaço imediato de atuação política. “Las dictaduras del sur han montado, como se sabe, una maquinaria del silencio” (GALEANO, 1979). Essa emudecedora engrenagem à qual se referiu Galeano, por meio do banimento daqueles que lhe opunham resistência com o uso da palavra –poetas, escritores, críticos, dramaturgos, professores– tentou abafar e esvaecer as vozes insurgentes. Assim, o que terá dado fundamento às otimistas apreciações que os colaboradores dessas três publicações de cultura apresentaram sobre essa experiência de ruptura? Ora, a propósito do exílio e da sua faculdade de gerar “afonia” política, Ariel Dorfman<sup>7</sup> ressaltou uma perturbadora contradição: “Este é um dos grandes paradoxos do exílio. O mesmo santuário que atesta a sobrevivência de uma voz, simultaneamente corta o acesso dessa mesma voz à terra que ela tem responsabilidade de manter viva, a terra que demanda ser transmitida a outros” (DORFMAN, 1998, p.204, tradução minha). Terá sido irreparável o corte radical ao qual o escritor argentino-chileno-estadunidense se referiu como pilar de um “grande paradoxo”? Talvez não haja cisões infusíveis. O preto e branco da assertiva de Dorfman possivelmente poderia ser matizado. Parece que o próprio trajeto do cosmopolita autor de *Para leer al Pato Donald*, suas múltiplas nacionalidades de permanente exilado, a continuidade e repercussão de sua atividade crítica na torrente ininterrupta de fraturas que constituem sua biografia vão de encontro ao paradoxo que propõe. Seja como for, identificar nuanças no interior dos limiares desse paradoxo não implica a sua total negação, apenas propicia uma modulação. Não poderia refutar o argumento de Dorfman, pois não está distante do que tento propor, isto é, enquanto ele menciona um paradoxo, procuro refletir sobre as ambigüidades da experiência do exílio. Conquanto a proposição de Dorfman possa ser considerada válida, quando se pensa no engenhoso método usado por Thomas Mann, exilado nos Estados Unidos, para se fazer ouvir por seus conterrâneos alemães no auge da Segunda Guerra Mundial, ainda que a voz do escritor estivesse proscrita na Alemanha e nos territórios ocupados pelos nazistas, conclui-se que, apesar das censuras e outros impedimentos, a faculdade de subversão da palavra pode fazer com que o pensamento e a crítica encontrem maneiras incomuns de serem expressados e repercutidos. Sempre existem aqueles que se atrevem à escuta clandestina; é por meio deles que a voz de um exilado pode falar à terra de origem. Pode-se supor, portanto, que a consciência dessa faculdade de subversão da palavra e das idéias, sua produção e difusão nas

---

<sup>7</sup> Ariel Dorfman também foi colaborador dos *Cuadernos de Marcha*, tendo publicado o seguinte texto no dossiê intitulado “Después de Pinochet”: DORFMAN, Ariel. “Versos de amor para Santiago”. *Cuadernos de Marcha*, Segunda época, México, año 2, nº 7, mayo-junio de 1980, pp. 90-94.



“redes” e “estruturas de sociabilidade”, como as revistas de cultura, criadas nos lugares que ofereceram refúgio à comunidade de exilados, foram alguns dos fundamentos do otimismo dessa comunidade em relação às possibilidades de superação das perdas geradas pelo exílio. Como afirmou Benedetti, em entrevista publicada em *Encontros*, “não conseguiram matar a cultura uruguaia. De certa maneira *ela renasceu no exílio*” (In: MONSERRAT, 1980, pp.62-63, grifos meus). De acordo com Miriam Lidia Volpe, em estudo que objetiva perquirir fragmentos da biografia de Benedetti, ou “biografemas”, nos termos de Barthes, à luz do conceito de exílio e de suas variadas “geografias”, espaciais e emocionais, a reflexão do escritor uruguaio sobre o massivo *destierro* latino-americano provocado pelas ditaduras também levou em conta aqueles que permaneceram, à força das circunstâncias, sob o obscurantismo dos regimes militares, testemunhando e experimentando o exílio desde outra perspectiva:

“[...] um exílio residencial, ou insílio, sofrido pelos cidadãos que foram forçados pelas ditaduras a adotar uma atitude passiva e uma semi-impotência que os destitui de sua autonomia moral e de sua iniciativa psicológica e também pelos que foram encarcerados e destituídos de todos os seus direitos” (1993, apud VOLPE, 2003, p.49).

Pode-se pensar, com o autor de *Gracias por el fuego*, que o exílio será tanto mais construtivo ou infecundo, para aqueles que partem ou que ficam, conforme a atitude que for tomada, passiva ou proativa, conformista ou insubordinada. Se o exilado, como foi o próprio Benedetti, consegue mitigar as perdas e fraturas que se lhe impuseram e passa a assumir a condição de ser um “entroncamento de culturas”, em que muitas aldeias, cidades e países confluem, onde quer que esteja sentir-se-á integrado, artífice de sua circunstância, dinamizador da realidade que lhe acolheu e poderá, talvez, na iminência do regresso, no instante do reencontro, experimentar o sentimento da *contranostalgia*, a previsível nostalgia do lugar do exílio (Idem).

O exílio das formações (WILLIAMS, 1999) agrupadas em *Controversia* e na segunda época dos *Cuadernos de Marcha* não estancou a produção crítica dos setores intelectuais banidos pelos sistemas de repressão instaurados pelas ditaduras no Uruguai e na Argentina. Insubordinados e proativos, plenamente integrados na vida cultural dos países que os receberam, como México, Venezuela, Cuba e Espanha, os intelectuais que participaram dessas formações (WILLIAMS, 1999) não somente deram seguimento, como também expandiram as reflexões sobre as tradições políticas e culturais da América Latina e dos



países platinos e, ainda, sobre as mudanças que estavam despontando: “Fora do Uruguai e impossibilitado de voltar ao seu país, dominado pelo regime militar, Ángel Rama (sic), nomeado, na Venezuela, Diretor Literário da ‘Biblioteca Ayacucho’, deu continuidade às reflexões sobre a América Latina à luz do contexto do exílio” (COELHO, 2009, p.1005). Se as reflexões sobre a América Latina permaneceram prioritárias, sendo não raras vezes ampliadas, a preocupação em manter acalorada a atividade criativa representante de valores nacionais também foi instigada: “Todo lo que sea creado en el cauce de la cultura uruguaya, viniere de donde viniere, será la cultura uruguaya y ésta existirá en la medida en que sea intensa, variada, libre, combativa, en constante producción” (RAMA, 1979, p.77). Quando se compara aquilo que foi escrito pelos colaboradores dessas paradigmáticas publicações acerca da experiência do exílio, entende-se que, em sua maioria, foram unânimes em considerá-la uma oportunidade valorosa para a reestruturação teórica do pensamento crítico latino-americano.

“Las voces del silencio –escreveu Carlos Quijano nos *Cuadernos* evocando *Les Voix du Silence*, de André Malraux– entre ellas la nuestra, volverán a hacerse oír con nosotros o sin nosotros.” Uruguaio radicado no México, redator do jornal *La Jornada*, colaborador da segunda época dos *Cuadernos de Marcha* e de *Brecha*, que a sucedeu, Carlos Fazio, ao dar seu testemunho sobre a experiência de Quijano, expôs suposições sobre o que o diretor dos *Cuadernos* pensava a respeito das ambigüidades do exílio:

Fue, el suyo, un exilio sin mella. Solía decir que fue en su tierra un exiliado. Un exiliado de tiempo completo. Y después, aquí, en México, se consideraba un exiliado del exilio. Aunque por “elemental pudor –escribió Quijano a Guillermo Chifflet–, hay que acallar las amarguras del exilio”. No obstante, era de los que pensaban que el exilio también fortifica y abre horizontes. Es otra vida (2007, p.187).

O estudo comparativo de fragmentos dos itinerários dos intelectuais que participaram de *Encontros*, da segunda época dos *Cuadernos* e de *Controversia*, bem como dos textos que publicaram nessas revistas, evidencia que os ramos do pensamento crítico latino-americano que compuseram essas formações (WILLIAMS, 1999), embora proscritos de suas circunstâncias imediatas de atividade, construíram condições que lhes permitiram dar seguimento, no exílio, à influente reflexão política e cultural que vinham conduzindo no interior de seus contextos nacionais. Enquanto “estruturas de sociabilidade”, essas três revistas constituíram, cada qual à sua maneira, espaços alternativos de reflexão sobre múltiplos temas relacionados com os projetos e contradições das heterogêneas frações da



esquerda latino-americana, como o esgotamento dos paradigmas que haviam produzido o fracasso de suas estratégias de ação política contra o terrorismo de Estado e as emergentes posições que caracterizaram, sob a crise do marxismo, a recomposição e reorganização do campo intelectual contestatário no contexto da transição democrática.

### Referências bibliográficas

- ARAUJO, M. P. N.. Lutas democráticas contra a ditadura. In: AARÃO REIS, D. ; FERREIRA, J. (orgs.). **Revolução e democracia (1964-...)**. (As esquerdas no Brasil; v. 3), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 320-353.
- ARICÓ, José. **Primeiro editorial da revista *Pasado y Presente***. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <[http://www.arico.unc.edu.ar/pdf/Pasado\\_Presente.pdf](http://www.arico.unc.edu.ar/pdf/Pasado_Presente.pdf)>. Arquivo consultado em 11 de setembro de 2008.
- \_\_\_\_\_. Editorial. **Controversia**. Para el examen de la realidad argentina, México, nº 01, octubre de 1979, p.02.
- BUFANO, Sergio. Entrevista. In: LORCA, Javier. **Reeditan la colección completa de la revista *Controversia***. *Página 12*, Argentina, 16 de septiembre de 2009.
- CASTAÑEDA, Jorge. **La utopía desarmada**. Buenos Aires: Ariel, 1994.
- COELHO, Haydée Ribeiro. Biblioteca Ayacucho: exílio latino-americano e perspectiva político-cultural: (meados de 70 e 80). In: **Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas [e] I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas / Sara Rojo [et al.]**, organização. - Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. 1 CD-ROM [3467 p.]
- CRUZ, Fábio.Lucas. **Frente Brasileño de Informaciones e Campanha**: Os jornais de brasileiros exilados no Chile e na França (1968-1979). São Paulo, 2010, 167p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo.
- DORFMAN, Ariel. **Heading South, looking North**: a bilingual journey. United States of America: Penguin Books, 1<sup>st</sup> ed., 1998.
- FAZIO, Carlos. **Contribuciones al pensamiento social de América Latina**. México: UNAM, Centro Mexicano de Estudios Sociales, 2007.
- FELL, Claude. Présentation. In: **Le discours culturel dans les revues latino-américaines de 1940 à 1970**. América cahiers du CRICCAL (Centre de Recherches Interuniversitaire sur les



- Champs Culturels en Amérique Latine), nº 09/10, Presses de la Sorbonne Nouvelle, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 1992.
- GALEANO, Eduardo. El exilio, entre la nostalgia y la creación. **Cuadernos de Marcha**, México, segunda época, año 1, nº 1, Mayo/Junio de 1979, pp. 83-86.
- \_\_\_\_\_. En el reino del revés el sol sale a medianoche. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 2, Agosto de 1978, pp.139-144.
- GRENN, James N. & RONIGER, Luis. Concluding remarks. Exile and the setting of future research agendas. **Latin American Perspectives**, issue 155, vol. 34, nº 4, July 2007, pp.106-108.
- GULLAR, Ferreira. **Rabo de foguete** – os anos do exílio. Lisboa: Editorial Verbo, 2010.
- LÊNIN, V.I. **Que Fazer?** Apresentação de Florestan Fernandes. São Paulo: Hucitec, 1978.
- MANN, Thomas. **Ouvintes alemães!** Discursos contra Hitler (1940-1945). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MONSERRAT, J. . Entrevista com Mario Benedetti. **Encontros com a Civilização Brasileira**, nº23, maio de 1980, pp.49-64.
- PAULA COUTO, C. P. . **Cuadernos de Marcha (Primeira Época, Montevideú, 1967-1974)**: uma ‘trincheira de ideias’ desde o Uruguai para o mundo. Florianópolis, 2008, 128p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.
- \_\_\_\_\_. **Revista Civilização Brasileira**: a supremacia do intelectual engajado ou o império da história. Florianópolis, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- RAMA, Angel. Otra vez la utopía, en el invierno de nuestro desconsuelo. **Cuadernos de Marcha**, México, segunda época, año I, nº1, Mayo-Junio de 1979, pp.75-81.
- ROLLEMBERG, Denise. **Exílios**: entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, pp. 231-269.
- VALDÉS, Eduardo Devés. La red de los pensadores latinoamericanos de los años 1920. **Boletín Americanista**, nº 49, Publicaciones Universidad de Barcelona, Barcelona, 1999, pp.67-79.
- VOLPE, M. L.. Geografias de exílio: Mario Benedetti, um intelectual latino-americano. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 7, dez. 2003, pp.45-55.



WILLIAMS, Raymond. A fração Bloomsbury. **Plural**; Sociologia, USP, S. Paulo, nº 6, 1. sem. 1999, pp. 139-168.

YANKELEVICH, Pablo. The COSPA. A political experience of the Argentine exile in México. Translated by Mariana Mora. **Latin American Perspectives**, issue 155, vol. 34, nº 4, July 2007, pp.68-80.

\_\_\_\_\_. Hacia una cuantificación del exilio argentino en México, 1974-1983. Artigo apresentado no seminário **Los extranjeros en México**, Instituto Nacional de Migración, Secretaría de Gobernación, Mexico City, 2004.

**Recebido em 01 de dezembro de 2011**

**Aprovado em 07 de julho de 2012**